

EDITORIAL

O Brasil esperançoso

A presente edição da Estudos de Administração e Sociedade, EAS, sai às vésperas da posse do novo governo central do Brasil. Um novo governo geralmente já é suficiente para expandir a esperança de mudanças para melhor. Todo começo é difícil, mas tem uma aura de renascimento que empolga as grandes majorias. As enquetes realizadas sobre o que esperar do novo governo têm indicado confiança em melhores dias entre 70% a 80% dos entrevistados.

Realizadas pelo Observatório Febraban e pela Radar Febraban, órgãos da Federação Brasileira dos Bancos, duas pesquisas, entre os dias 29 de novembro e 5 de dezembro, com 3 mil pessoas, nas cinco regiões do País, revelaram esse estado de espírito entre os brasileiros.

Os intensos sofrimentos que se evidenciaram nos últimos 4 anos, desde a pandemia até o recente pico de inflação, continuam, mas tem-se a sensação de abrandamento desses males e a confiança de que, a partir de 2023, eles fiquem para trás.

Além disso, espera-se que as tensões, incertezas, dores e problemas sociais que se agudizaram igualmente se reduzam, com um governo que se declara com opção pelos pobres, discriminados e excluídos.

Essas mudanças certamente não serão suficientes se permanecerem dirigidas à miséria e à fome. Essas questões, são higiênicas, básicas: elas precisam ser resolvidas para que se possa falar de qualquer assunto, inclusive desenvolvimento.

Mas é de desenvolvimento que se precisa falar.

Nesse sentido, é preciso destravar o orçamento público, aprisionado numa camisa de força que não permite ao Estado investir o dinheiro que tem, porque se receia o desequilíbrio fiscal, mas não se receia a vergonha moral e física do desemprego, do baixo salário, da exclusão educacional e da saúde pública com filas intermináveis de doentes graves desassistidos.

Educação e saúde públicas precisam ter suas verbas reconstituídas e, além disso, um plano de investimentos extraordinários que permita a reconstrução de seus equipamentos e instrumentos de trabalho, sucateados por cortes sucessivos de verbas.

Aqui se incluem as pesquisas, muitas paralisadas porque as restrições financeiras não permitem pagar os materiais e equipamentos necessários e muito menos as bolsas de estudo e pesquisa dos jovens pesquisadores, auxiliares absolutamente necessários aos trabalhos. Sem falar do futuro da ciência.

As cidades precisam ser cuidadas para que novos acidentes climáticos não tragam a tristeza que as mais recentes enchentes trouxeram. As florestas, os rios e a fauna precisam voltar a ser olhados como reservas naturais que ajudam a humanidade a respirar e a se reproduzir em condições saudáveis. Nesse sentido, todos os incentivos devem ser dados para que as atividades produtivas reduzam seus danos ao mínimo.

Em paralelo a isso, valores humanos devem ser reabilitados, dentre eles

aqueles que contribuem para a convivência democrática e acolhedora entre diferenças e diferentes.

Essa edição da EAS, a propósito, traz reflexões sobre temas dessa agenda de um Brasil esperançoso: Uma análise sobre os investimentos públicos e seus impactos relacionados às enchentes no município do Rio de Janeiro; A construção de relações interpessoais no ambiente de trabalho para a população LGBTQIAPN+: revisão integrativa; Gestão de resíduos odontológicos: desafios de implementação de um sistema de logística reversa; Políticas públicas para a agricultura familiar brasileira: uma análise da produção artesanal de queijo de minas.

Embarcando nessa onda de confiança e reconstrução, a EAS convida seus leitores a refletir sobre esses textos, os problemas que abordam e as propostas de solução que trazem.

Cláudio Gurgel
Editor da EAS